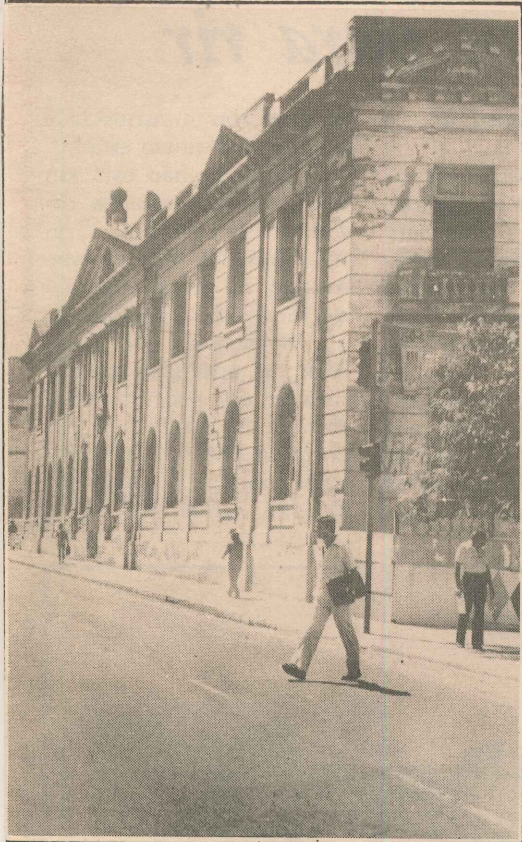


# Vitória centro Decadência visual

A) 20175

Cyro Denaday



Apesar de mal conservado, o prédio da antiga Fafi deve ser conservado, segundo os técnicos

Cyro Denaday



O edifício Glória também merece cuidado e preservação

Álvaro Muniz

**P**ior do que morar no Espírito Santo, um dos estados mais atrasados de um país subdesenvolvido pertencente ao Terceiro Mundo, é ter que conviver com uma capital chamada Vitória, cujo centro da cidade parece fazer questão de evidenciar toda sua decadência. Exagero? Mesmo aqueles que gostam de ver tudo azul achariam que não.

Edifícios em péssimo estado de conservação, prédios antigos com as fachadas encobertas, calçadas sinuosas, poluição do ar, sonora, visual, etc.

Esse, queira ou não, é o retrato do centro de Vitória. Sem contar com os armazéns gerais do Porto de Vitória, com uma aparência, no mínimo, horrível.

Muito se tem falado no Projeto de Revitalização de Vitória. Mas até o momento nada foi feito de concreto. Com a palavra, a Prefeitura Municipal de Vitória.

A assessora da Secretaria de Planejamento, Sandra Berredo, reconhece que o centro da cidade está se degradando. Mas admite que o problema é complexo.

Recentemente foi realizado o primeiro seminário Centro de Vitória, com o objetivo de promover um debate com os principais segmentos da sociedade. Ele também contou com a apresentação de vários trabalhos e pesquisas realizadas na Ufes referentes ao assunto.

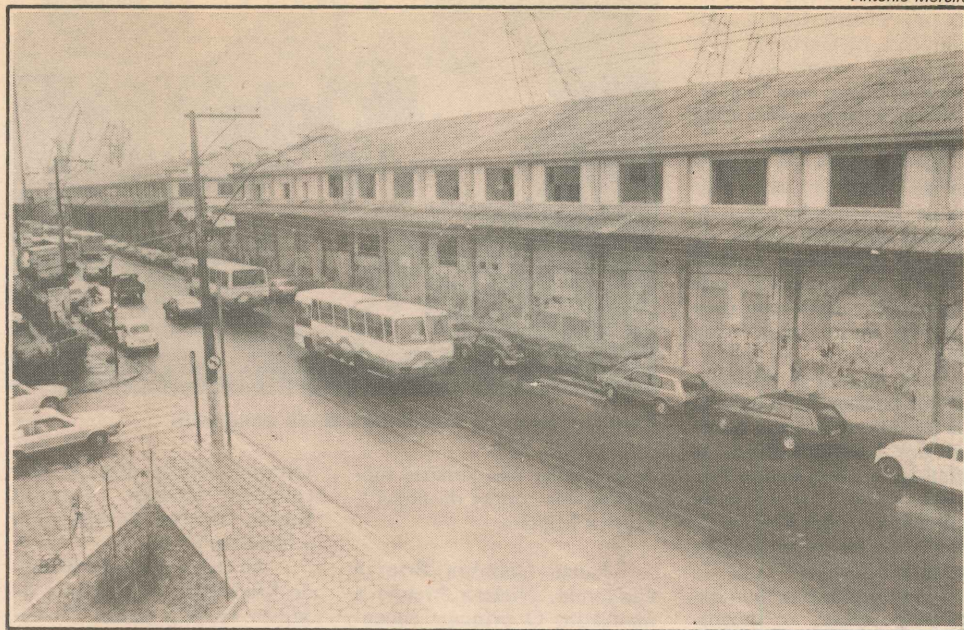
De mais concreto, surgiu a proposta de um grupo de trabalho multidisciplinar. Este ficaria responsável pela coordenação das atividades relacionadas à preparação e lançamento de um concurso nacional de idéias e propostas de intervenções no centro da cidade.

Sandra Berredo adianta que esse grupo já vem se reunindo para dar início aos planos. As primeiras experiências serão realizadas em um trecho já demarcado: da praça Costa Pereira, passando pela Rua Sete, e terminando na praça Ubaldo Ramalhete.

Para isso, o grupo vai se reunir com os comerciantes, moradores e vendedores ambulantes do local, para fazer e receber as propostas de melhorias. Elas vão desde a retirada de placas que cobrem as fachadas dos prédios antigos, até o problema de carga e descarga de materiais.

Não há dúvida de que o problema é complexo. Quem reconhece isso é o arquiteto do Instituto Jones dos Santos Neves, André Abe. Ele teme que o projeto de revitalização de centro traga com ele uma certa camuflagem, que poderia significar, por exemplo, não só uma limpeza urbana, mas também social.

E lembra que o prefixo revita significa colocar vida novamente. E aí? "Em primeiro lugar, quando se fala em revitalizar, tem-se que fazer duas perguntas: revitalizar pra que e pra quem?" Em relação às placas que



Os armazéns do Porto não fariam nenhum falta. Compõem o que se chama de "sujeira visual"

encobrem as fachadas, ele se mostra inteiramente favorável à sua retirada.

Como tudo tem sua história, a decadência do centro também tem a sua. Quem mostra grande conhecimento da questão é o arquiteto e diretor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Ufes, Marco Antônio Cypreste.

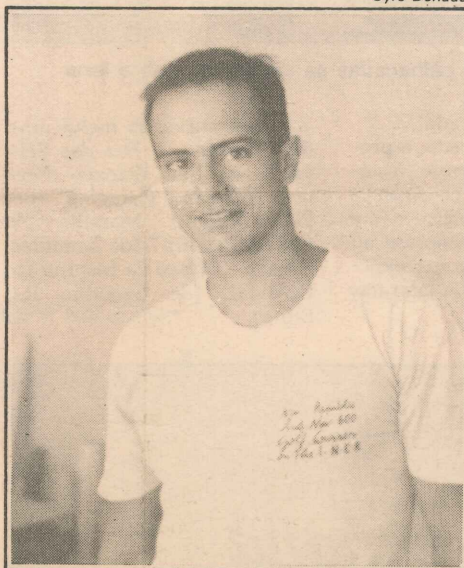
Marco lembra que com a criação de áreas residenciais como a Praia do Canto e a Praia do Suá, os investimentos que poderiam ser aplicados no centro, correram para estes locais.

Seria possível inverter a situação? O arquiteto não tem a menor dúvida que sim, desde que alguns fatores sejam alterados. Por exemplo, a paralisação dos investimentos na Praia do Canto e Praia do Suá.

E se isso acontecesse, o centro comportaria novas edificações? A resposta de Cypreste é sim. E ele chega a falar em construção de prédios de 6 a 11 andares. Mas alguns "monstros" teriam que vir abaixo. Por exemplo, as lojas Americanas e Mesbla, que acabaram ocupando um espaço enorme. Ali poderiam ser construídos grandes edifícios.

A Fafi, não. Ela deve ser preservada, assim como os prédios que apresentam al-

Cyro Denaday



Marco Cypreste: as pessoas não têm o costume de idealizarem a sua cidade

gum valor histórico. Para ele, as pessoas não têm o costume de idealizarem sua cidade. E, ao mesmo tempo, não têm do que se lembrar.

O arquiteto cobra a recuperação do edifício Glória e da Bolsa de Café, que poderiam ser utilizados com toda tranquilidade. Junto a isso, poderia haver um maior dinamismo em relação às novas edificações.

Ele cita o exemplo da cadeia de lanchonetes McDonald, que põe abaixo suas casas ao completarem três anos de funcionamento. Isto nos Estados Unidos. Nos outros países, com seis anos uma nova arquitetura é desenhada.

Marco também é inteiramente a favor da retirada dos armazéns do Porto, no centro da cidade. Lembra que o centro precisa de ruas que desafoguem o trânsito. O espaço sofreria uma ocupação racional. A cidade perde muito com a presença dos armazéns, que são verdadeiros caixotes. A arquitetura passou longe dali, frisa.

O trabalho de graduação em Arquitetura, elaborado por Augusto Pacheco Saletto Costa, em agosto de 87, mostrava que o Porto sempre negou um contato direto da população com o mar. Sem contar com a questão da ventilação, uma vez que o centro hoje está sufocado.

No trabalho também fica evidente o mal-gosto arquitetônico da obra, que apresenta as fachadas de fundos e as cores muito pálidas. Desde a sua construção, o Porto parece ter desprovido o centro do contato com o mar.

Augusto Pacheco mostra outros pontos negativos: não existem pontos de ônibus decentes em sua extensão, e os locais de entrada e saída de caminhões pesados são exatamente em pontos de estrangulação do trânsito, como ocorre em frente ao Palácio Anchieta. E o contato com o mar foi roubado pela construção dos armazéns.

O arquiteto André Abe também concorda com isso. Recordar-se da primeira vez que veio a Vitória, em 76, e deu de cara com o Porto de Vitória, no único espaço que isso é possível: na escadaria em frente ao Palácio Anchieta. Aponta como outra parte privilegiada para isso a curva do Saldanha, onde se pode desfrutar um pouco do contato com o mar.